

Além da agressividade na teoria das neuroses¹

José Longman²

Resumo: O autor restringe o conceito de agressividade à disposição para agir do instinto de morte, de agressividade ou de destruição, de acordo com a sua meta, como admitiu Freud na sua reformulação da teoria dos instintos. Ressalta que, para Freud, os instintos deixam de ser simplesmente impulsos de natureza biológica e assumem as características de entidades míticas que expressam o propósito da vida humana – a satisfação de necessidades inatas e adquiridas. Destaca ainda o fato de que a contribuição inovadora de Freud não está na admissão de um instinto de morte, mas na mudança do conceito de conflito psíquico, implícito naquela concepção. O conflito é agora a expressão das duas forças contidas no id: os instintos de vida e de morte. É, portanto, inerente à natureza psíquica e operante desde o início da vida. Esse deslocamento do conflito básico para o id retira o caráter patogênico do conflito e acentua a sua dinâmica como fundamento para o funcionamento da mente e a compreensão dos fenômenos clínicos. A procura pelo sentido dos sintomas, pela interpretação dos sonhos, pelos conteúdos conflitivos com o mundo externo e seus mecanismos de defesa, cede lugar à investigação dos processos que configuram as energias instintivas e criam o mundo mágico-mítico das relações objetais, como é revelado e contrastado na situação analítica. Por sua vez, essas configurações denotam o nível do desenvolvimento da capacidade de integração e síntese do ego. Assim, o interesse do analista volta-se agora para os projetos constantes do mundo interno, como eles se apresentam nas formulações do analisando, constituindo a realidade psíquica. Para ilustrar a sua exposição, o autor analisa uma experiência pessoal como modelo. Salienta a importância em psicanálise de poder objetar essa realidade psíquica na transferência analítica, favorecendo as condições para mudanças nas estruturas dos protótipos psíquicos e para o crescimento na relação analítica tanto do analisando como do analista.

1 Trabalho original publicado em 1989: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 23(2), 195-207.

2 In memoriam.

Este trabalho tem o seu ponto de partida em anotações redigidas para o relato e discussão do tema “O papel da agressividade na teoria das neuroses”, apresentado durante a 2ª Jornada Psicanalítica da Associação Brasileira de Psicanálise, realizada em Porto Alegre, de 28 a 29 de abril de 1984. É de certo modo uma abordagem teórica, mas espero que o pensamento desenvolvido deixe transparecer a minha prática da psicanálise. Preservo na redação a forma concisa e condensada das anotações, que têm presente o diálogo e não uma defesa de tese.

Admitindo como conhecida a literatura e os conceitos psicanalíticos referentes ao tema, quero salientar que restrinjo o termo agressividade à disposição para agir do instinto de morte, de agressividade ou de destruição, de acordo com a sua meta, como conceituou Freud (1933/1964b). Sem essa restrição, o seu dinamismo deixa de se distinguir daquele da libido e se confunde com o da atividade instintiva em geral. Considero necessária essa conceituação para evitar dúvidas quanto ao meu posicionamento.

Inicialmente, desejo lembrar que a teoria psicanalítica das neuroses era fundamentada no conflito entre as forças do id e do ego, na regência da vida mental pelo princípio do prazer. O trabalho analítico estava voltado para a observação de como entravam em jogo, durante os primeiros anos de vida do neurótico, a repressão aos impulsos instintivos e os processos de defesa. A avaliação e o tratamento das resistências centralizavam o interesse da prática psicanalítica. E foi precisamente a observação das resistências que os pacientes opunham à recuperação clínica e à sua permanência no sofrimento que abalou em Freud a concepção de ser a vida mental exclusivamente regida pelo princípio do prazer. Os fenômenos clínicos observados indicavam a presença de um outro poder instintivo na vida mental, cujas raízes Freud foi buscar no instinto de morte originário da matéria viva. Somente a ação concorrente e mutuamente operante de dois instintos primários, que ele passou a chamar de instinto de vida ou Eros e de instinto de morte, possibilitaria esclarecer a rica multiplicidade dos fenômenos da vida mental (Freud, 1937/1964a). O instinto de vida tem como meta unir os elementos e estabelecer unidades psíquicas cada vez maiores, mais complexas, e preservá-las. O segundo, o instinto de morte, tem a tendência a des-unir, a destruir, a des-fazer, fazendo as unidades retornarem ao estado anterior, atividade que Freud não poderia mais atribuir a Eros.

Com essa nova concepção, todas as manifestações conhecidas dos impulsos de natureza psíquica passam a ser consideradas como resultantes da interação básica que funde as energias instintivas, aparentemente separadas, mas mutuamente operantes, em proporções distintas e variáveis. À inesgotável tendência expansiva de Eros contrapõe-se o caráter conservador do instinto de morte. Somente quando uma parte do instinto de morte se orienta para o mundo externo é que se manifesta como agressão ou destruição. Nesse caso

o próprio instinto de morte é posto a serviço de Eros, destruindo objetos externos em lugar de destruir o indivíduo (Freud, 1930/1961). Assim, Freud considerou que a agressividade, o principal descendente e representante do instinto de morte, encontra-se sempre em conjunção com a libido. Eles são antagonicos, mas não são adversários.

Acontece, porém, que o poder de palavras fortes como instinto de vida e instinto de morte contribuiu mais para a reificação dos conceitos do que para o conhecimento visado pela nova teoria dos instintos formulada por Freud. É preciso, pois, evitar o apego às palavras e voltar-se para as manifestações que elas apontam na prática da psicanálise. Posso dizer que me parece pouco aceitável considerar essa teoria como uma concepção biológica da psicanálise. Uma biopsicanálise não condiz com o pensamento que anima Freud (1933/1964d). Ele mesmo escreveu da satisfação de encontrar em Empédocles uma concepção que se aproximava da sua, a ponto de ficar tentado a afirmar que eram idênticas, não fosse a diferença de ser a concepção do filósofo grego uma “fantasia cósmica”, enquanto a dele buscava validade biológica (Freud, 1940/1964c). Como pesquisador, Freud não se permitia uma liberdade poética e concebeu a sua teoria para enfrentar os problemas levantados na prática clínica, o que sem dúvida influenciou a sua perspectiva. Mas, ao meu ver, a maneira como ele concebeu a teoria dos instintos também é cósmica. Mais do que ordenar conhecimentos médicos, visa à própria essência da matéria e energia psíquica. A analogia da atividade dinâmica dos dois instintos com as forças de atração e repulsão do mundo físico, assim como o conceber a gênese das manifestações psíquicas a partir da própria matéria e energia do universo mental, supera a limitação bio e psicopatológica da psicanálise. A teoria, na linguagem da física energética, ganha a inteligibilidade necessária à comunicação de um conhecimento original dos fenômenos psíquicos. Foi a ênfase dada à biologia e à psicopatologia por muitos dos seus seguidores que desviou a atenção da originalidade da teoria dualística dos instintos, por ele considerada como uma das contribuições decisivas para a psicanálise.

Quero, entretanto, chamar a atenção para o fato de que não é a admissão da existência de um instinto de morte que merece ser destacada como contribuição inovadora para a compreensão dos fenômenos clínicos e, portanto, para a teoria e a prática da psicanálise, mas sim a mudança no conceito de conflito psíquico, implícita nessa concepção.

O conflito psíquico, antes considerado como ocorrendo entre os impulsos libidinais e a sua repressão pelo ego, influenciado pelo mundo externo, é agora uma expressão das forças contidas no id. E inerente à natureza psíquica e operante desde o início da vida. O deslocamento do conflito básico para o id retira o seu caráter patogênico e acentua a sua dinâmica como fundamento para o funcionamento da mente. Considerado desse modo, não é mais

observado como fenômeno negativo, e o trabalho analítico não busca a sua resolução, pois é preciso conviver com o conflito como fator fundamental para o comportamento. É o equivalente no mundo mental à luta pela vida no mundo externo. Como a espécie desaparece pela sua inadequação para a luta externa, o indivíduo morre em consequência do seu conflito interno (Freud, 1940/1964c).

Acontece, entretanto, que a vida humana serve a estes dois fins: à evolução da espécie e à evolução do indivíduo, cujas necessidades, embora tenham uma origem comum, contrapõem-se dinamicamente. Acresce mais que, como indivíduos, somos já ao nascer integrados na cultura, ou seja, na evolução da humanidade – uma transfiguração especial dos processos vitais, pelo menos quando considerada psicanaliticamente. Satisfazer às exigências dessas evoluções não é tarefa fácil para o indivíduo, principalmente se considerarmos que elas se influenciam mutuamente e se contrapõem dinamicamente. Não é com prazer que o indivíduo se sacrifica às necessidades sociais, contendo não só as suas tendências libidinosas como as agressivas, que com muito gosto deslocaria para os outros, como reconheceu Freud (1930/1961). Uma vez que a morte do indivíduo não implica a morte da espécie, à angústia do viver se acresce aquela do sobre-viver da espécie. O dilema que, na sua gênese, era viver ou morrer se torna morrer ou matar (ou fugir).

Desvincular o ser vivo do inorgânico, os impulsos de vida dos impulsos de morte, o biológico do zoológico, a ontogênese da filogênese, o indivíduo da espécie, o ser objetual do ser narcísico, é romper com a dinâmica do processo implícito nesses conceitos.

Como unidade dinâmica da espécie, o indivíduo é um ser em relação. O homem não se mantém de maneira nenhuma solitário, não sobrevive como único portador da sua própria substancialidade. As suas relações com os outros, e as estruturas que daí nascem, são mais ricas para o seu crescimento. A relação com o outro é, pois, função do indivíduo que transcende a si mesmo.

A mudança é radical para o trabalho psicanalítico. Não mais voltado só para a função terapêutica, liberta-se do campo médico e a sua prática adquire autonomia. A psicanálise tende agora para o curso do desenvolvimento dos processos mentais a partir do conflito básico. Reconhecendo isso, Freud (1937/1964a) aventou a necessidade de rever, a partir desse novo ponto de vista, tudo o que se sabia a respeito dos conflitos e, conseqüentemente, sobre as neuroses. Mas quem se incumbiu dessa revisão foi principalmente Klein e seus colaboradores, que deram continuidade a essa corrente do pensamento freudiano na teoria e na prática da psicanálise.

Klein, em suas observações de crianças, vivendo o conflito contínuo que elas apresentavam entre o impulso para viver ou se deixar morrer, desenvolver ou se destruir, atacar os seus objetos ou preservá-los, reconheceu na prática a

validade dos novos conceitos. Já a partir do nascimento, mesmo antes provavelmente, o processo de integração do ego investe libidinal e agressivamente os objetos de sua relação, o que se faz acompanhar das reações de prazer e dor, assim como dos seus corolários de amor e ódio, ansiedade persecutória e ansiedade depressiva. A ansiedade primordial, que Otto Rank (1924/1934) postulou como expressão da experiência traumática do nascimento, passa a ter a sua origem no conflito interno básico. É uma decorrência da ameaça do instinto de morte no interior do organismo, cuja existência deixa de ser silenciosa e se torna reconhecível na realidade psíquica.

Uma das principais funções do ego, o manejo da ansiedade, é considerada em atividade desde as relações objetivas. É o ego, e não o organismo, que mobiliza e desvia o instinto de morte para outros objetivos (Klein, 1952/1980). A oposição a essa afirmação e integração do ego manifesta como desejo de viver ou de amor à vida é vivenciada como medo da des-integração, ou da morte, ou desejo de matar, e toma forma de ansiedade persecutória. Não é possível pensar uma dissociação completa dos dois instintos; seria além da espécie, o fim dos tempos. Isso está de acordo com a concepção de Freud de não haver uma ideia de morte no id, e com a noção de Klein de que lidar com ela é função do ego desde o início da vida. Sei que há no movimento analítico muita discordância a respeito disso, como de muitas outras questões complexas. Mas vamos voltar a Freud.

“A teoria dos instintos é, por assim dizer, a nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas magníficas na sua indefinidade. Não podemos prescindir delas, nem por um só instante estamos seguros de vê-las claramente” (1933/1964b, p. 95).

Considerados assim, os instintos deixam de ser simplesmente impulsos de natureza biológica. Na qualidade de entidades míticas é que eles expressam o propósito da vida humana: a satisfação das necessidades inatas e adquiridas. Por necessidades inatas, tenho em mente os projetos psicobiológicos que evocam aquisições filogenéticas anteriores. Os esquemas filogenéticos, as ideias inconscientes (Freud), as fantasias inconscientes (Freud, Klein), as preconceções (Bion), considerados como projetos do mundo interno, são de certa forma “pensamentos” que precedem o conhecimento e dão significado aos objetos internos e externos, organizando-os funcionalmente. Continentes de informações características da espécie, estabelecem os limites e as possibilidades do des-envolvimento. Como gênese, o projeto é o ainda-não-ser do caráter genético capaz de des-enfrear as energias básicas no des-envolvimento a que a estruturação do ego dá forma, ao mesmo tempo que se delimita e se integra. Assim, o ser humano, substancialmente, é um “anseio” que vem de longe. Pelas suas estruturas e desempenho realiza, prolonga e amplia um “sonho” filogenético, como poderíamos dizer com Monod (1970/1971). Mas as

informações contidas no projeto nem sempre são próprias para os propósitos de uma vida civilizada; elas precisam ser escolhidas e elaboradas. O complexo de Édipo, que situa e dispõe os elementos emocionais primordiais do homem, é o mais conhecido e pesquisado desses projetos.

Como necessidades adquiridas, considero a seleção dos projetos realizados, as projeções formadas e incorporadas no decorrer da existência, que in-formaram o mundo perceptivo da realidade sensorial, transformando-o na realidade externa, assim como in-formaram o mundo interno, desenvolvendo a realidade psíquica. Projeção aqui é, pois, a externalização de um processo interno para organizar os dados da realidade (Freud, 1917/1957). A apresentação do projeto é, portanto, a possibilidade de transformação da natureza psíquica em configuração emocional do humano.

A concepção de uma dimensão mítica da mente (Bion, 1963/1977) supera a distinção de necessidades inatas e adquiridas; tem a ver, assim, tanto com os projetos psicobiológicos como com o desenvolvimento do ego. É a tentativa do ego, na sua individualização, de superar esses projetos a partir deles mesmos. Configurados como realizações de projetos vitais, os mitos individuais são protótipos, cuja função é não apenas lidar com as ansiedades primordiais, estruturando e organizando a realidade, ou encobrendo-a, como armazenar informações. Embora ligados à memória, não guardam o passado e não apresentam o futuro; in-formam o presente. Por serem protótipos que tiveram êxito, eles agilizam a resposta aos estímulos em lugar da mais tardia e lenta elaboração do pensar; por isso, tendem à repetição, se tornam estereótipos e nessa condição programam e respondem pela história do indivíduo. Pela sua configuração, eles denunciam o nível de integração do ego em crescimento e a organização das primeiras relações de objeto. A individuação mítica, assim, tem a ver não só com os aspectos biológicos quanto com os culturais – o familiar, o habitual, o natural em lugar da natureza. Como eles geram a sua própria realidade, são vividos e detectáveis na situação analítica de transferência.

Interrompo agora essa linha de desenvolvimento do tema para referir uma experiência pessoal que, de certo modo, vai servir para ilustrar como se podem observar os fenômenos mentais e como eles se integram no quadro dinâmico de uma vida pessoal. É uma experiência que corresponde a outras observadas com analisandos. Pessoas amigas e colegas também confirmaram vivências emocionais com características semelhantes, embora não as tivessem concebido plenamente na ocasião.

O fato se deu precisamente um ano e meio atrás. Na decorrência da atividade docente, tive que viajar para outra cidade no período em que minha filha estava para dar à luz minha primeira neta. À noite, ao telefonar para minha casa, não consegui ligação. Ninguém atendeu ao telefone, nem em minha casa, nem na casa de minha filha. Fui dormir sem entrar em contato com a família e

na expectativa de algo estar acontecendo. No dia seguinte, sou acordado muito cedo pelo telefonema de uma colega que me comunica o nascimento da minha neta Camila. Minha primeira reação foi indagar se minha filha estava passando bem, ao que ela não soube responder. Assim, a satisfação com a notícia fez-se acompanhar de uma inquietação, apesar de tudo fazer-me pensar que tanto minha filha como minha neta deveriam estar passando bem. Somente às 13h, quando consegui falar com minha esposa e ter a confirmação, é que me tranquilizei. Algumas horas depois, quando fazia um pequeno passeio, dei-me conta de estar deprimido, um sentimento próximo à tristeza, em contradição com a realidade aparente da situação que me deixara satisfeito. Nesse voltar-me para mim, sou invadido por um pensamento-sonho. Vejo aparecer no espaço mental, como num vídeo, caminhando e se desvanecendo ao longe, sucessivamente, figuras humanas não muito distintas, fantasmagóricas, que sabia serem meus antepassados, até que surgiram meus pais, meus irmãos, meus filhos, minha neta, aos quais se seguiram outros que sabia serem meus descendentes. Um imenso e longo desfile de uma longa duração de segundos. Sentia-me invadido pelo sentimento da minha insignificância nesta dimensão da existência humana, uma despersonalização integrada na família, envolvido no mistério da criação; uma criatura, não um criador.

Lembrei-me desse episódio quando comecei a refletir sobre o tema aqui em foco. Ele voltou a se impor a mim quando procurei escolher observações feitas em situações psicanalíticas, a fim de ilustrar o relato com a minha experiência. Foi escolhido talvez por se apresentar completo, dado e configurado por inteiro. Considerado como expressão do evento emocional que estava sendo vivido, e que me informava sobre algo que agia acima e além de um determinado momento, o pensamento nele contido revela, possivelmente, o núcleo diretor do meu relatório. A experiência, como toda experiência vivida, foi inefável. A gente só se dá conta dela quando evoluiu a ponto de se tornar manifesta à sensibilidade sensorial, à luz clara da consciência. Apenas quando o pensamento primordial, que informa a experiência, tomou forma e configurou o mundo interno é que se prestou à observação e comunicação.

Pode-se objetar que o episódio representa mais a figuração imaginada de uma teoria, motivada pelo desejo de explicação para o indizível, do que a observação de um indivíduo não primitivo, mas sofisticado e preparado psicanaliticamente. Acontece que o seu aparecimento inesperado e não refletido, a sua qualidade de estar totalmente presente, envolvendo toda a personalidade com a força de convicção do real que eu não ousaria afirmar, não fala em favor de uma tal suposição. É um entremeio entre o sonho e a vigília, a experiência transformada em imagem visualizada (Bion, 1963/1977).

A meu ver, o que visionei foi a “evolução” (Bion, 1967/1969) da experiência emocional complexa que se dava no momento e que transparece através de

outra realidade, que a torna visível e comunicável. A “evolução” que configura o mundo inteiro, onde acontecem as coisas, testemunha a realidade psíquica, que tem uma apresentação do mundo que lhe é própria. Os seus elementos em suas interações possuem uma capacidade de combinações, uma variedade de estruturação, de formas e de realizações, que rivalizam com aquelas no mundo externo, cuja realidade, porém, é muito mais rica do que podemos imaginar. Não é essa “evolução” que, na relação analítica, permite formular a experiência que se dá, tenhamos ou não conhecimento dela, trazendo o testemunho da nossa observação e participação na transferência? Não é graças a ela que, na situação analítica, podemos trazer à consciência, e recuperar pela observação e comunicação verbal, áreas do universo mental que antes só haviam sido acessíveis aos sonhadores, poetas e artistas?

Como penso, o episódio me dá conta das vicissitudes de experiências e ansiedades primordiais à luz da experiência atual. Representa a transição e o intercâmbio entre o passado-presente e o fantástico real, e caracteriza um aspecto do processo de integração e síntese da vida emocional na realidade psíquica. Nele posso ver operando silenciosamente os instintos de vida e de morte e os elementos do mito edípico, que se reestruturam e organizam civilizadamente as relações do observador com a filha e os familiares; a afirmação individual como função do instinto de vida e do desejo de viver, enquanto a falência da individualidade serve à sobrevivência da espécie; a expressão positiva do instinto de morte na tendência conservadora a manter-se integrado na família, na aparente segurança do familiar, do habitual; a alternância entre o narcisismo ameaçado da afirmação pessoal e o amor objetal; a integração e a des-integração do ego na continuidade dinâmica da qual se tinha destacado; o casamento e o nascimento tomados narcisisticamente como fatores construtivos de autoafirmação, ligados ao crescimento do ego, numa união e organização mais elevada em nível de objetos externos, e não como afirmação criativa da continuidade da espécie. O nascimento da neta des-fazendo em parte essa idealização, com o conseqüente sofrimento de dor que acompanha toda limitação da expansividade onipotente do ego, caracteriza o alcance da posição depressiva (Klein).

Poder-se-ia objetar, como de fato ocorreu durante a apresentação do relatório, que o nascimento da neta deveria ser só motivo de alegria, pois representa a segurança da continuidade na vida, a satisfação do desejo de imortalidade. Isso seria, a meu ver, a tentativa de alimentar na dimensão cultural a fantasia (onipotente) da imortalidade, uma das prerrogativas dos deuses. A descrição bíblica do pecado original contém a configuração mítica da angústia primordial, da ruptura do narcisismo primário e das primeiras relações objetais, assim como do sofrimento que acompanha o conhecimento da mortalidade como parte do projeto humano. A fantasia da imortalidade, embora

vivida como desejo realizável, pode ser assumida como expressão da angústia de ser mortal e abrir para novas perspectivas de relação.

A “aparição” não tem tampouco o caráter de uma introspecção, não se passa somente na subjetividade do indivíduo – ela fala de coisas que estão acontecendo “agora”. Tem o caráter da relação emocional complexa, se atentarmos para a sua dinâmica, inserida na dimensão de uma evolução individual. Não é uma manifestação solitária, uma fantasia de desejo ou a fuga de uma realidade frustradora. Pelo contrário, contrasta a realidade própria com a aparente realidade que se dá no momento. Aliás, a formação psicanalítica nos previne contra os caminhos peculiares a que nos pode conduzir a introspecção, a autoanálise.

Pode-se fazer ainda um outro questionamento: o episódio não tem a ver mais com a minha psicopatologia? Penso que não. Não é uma observação que acorda com teorias que fazem parte da minha formação? Embora eu só tenha ao alcance a minha particularidade, se a tomo para refletir, mostra-se o comum com os outros, em quem me reconheço e me humanizo. Quantas manifestações mentais passam aparentemente sem que a gente tome conhecimento, discretamente apagadas logo depois, a denunciar a dificuldade que é aceitar certos aspectos de si mesmo?

O que quero mais destacar com o episódio não é tanto o significado visível da ocorrência, o seu conteúdo, mas a perspectiva que se abre para estudar o processo que leva a mente a elaborar em imagens a complexa experiência emocional (Monod, 1970/1971). Processo que testemunha a existência de um período da vida em que a mente tinha exclusivamente essa forma de expressão e que foi ultrapassada com o crescimento. A mesma que se reconhece na capacidade diagnóstica dos sonhos (Freud, 1917/1957). Uma forma “pensada”, mas não verbalizável de relações objetais, que nos revela precisamente a verdadeira presença do mundo interno e do inconsciente dinâmico do id.

Embora tendo as raízes na organicidade biológica do indivíduo, o mundo interno inconsciente só é acessível no seu corolário mental consciente, na dimensão mágico-mítica da realidade psíquica. É nela onde a interação de relações objetais internas e externas se con-fundem. Quando essa con-fusão se a-presenta desdobrada em nossa frente, não é de estranhar que muitas vezes a ideia de loucura se apresente. Aqui tomo para mim a resposta que Gabriel García Márquez deu a um jornalista quando inquirido sobre o realismo mágico dos seus romances: “O mundo é mágico. Não é minha imaginação. Eu só observo”.

Estou trazendo minha experiência pessoal não como um exemplo de observação psicanalítica, mas como um modelo de transição e intercâmbio entre diferentes níveis de integração e função do ego. O episódio é tão intelectual como a consciência diurna e tão rico de conteúdos inconscientes

como a consciência onírica. Em lugar de uma sonhadora contemplação dessas flutuações do ego nas suas relações com os objetos internos e externos, o que importa em psicanálise é poder objetivar essa realidade na transferência, possibilitando as condições para o crescimento na relação analítica, do analisando e do analista.

Más allá de la agresividad en la teoría de las neurosis

Resumen: El Autor restringe el concepto de agresividad a la disposición para actuar del instinto de muerte, de agresividad o de destrucción, de acuerdo con su meta, como admitió Freud en su reformulación de la teoría de los instintos. El Autor señala que, para Freud, los instintos dejan de ser simplemente impulsos de la naturaleza biológica y asumen las características de entidades míticas que expresan el propósito de la vida humana - la satisfacción de necesidades innatas y adquiridas. Destaca también el hecho de que la contribución innovadora de Freud no está en la admisión de un instinto de muerte, sino en el cambio del concepto de conflicto psíquico, implícito en aquella concepción. El conflicto ahora es la expresión de las dos fuerzas contenidas en la identificación: los instintos de vida y de muerte; es, por lo tanto, inherente a la naturaleza psíquica y operativo desde el principio de la vida. Este desplazamiento del conflicto básico para la identidad quita el carácter patogénico del conflicto y acentúa su dinámica como fundamento para el funcionamiento de la mente y de la comprensión de los fenómenos clínicos. La búsqueda por el sentido de los síntomas, por la interpretación de los sueños, por los contenidos conflictivos como mundo exterior y sus mecanismos de defensa ceden lugar a la investigación de los procesos que configuran las energías instintivas y generan el mundo mágico-mítico de las relaciones objetuales, como se revela y se contrasta en la situación analítica. A su vez, esas configuraciones denotan el nivel de desarrollo de la capacidad de integración y síntesis del ego. Así, el interés del analista se vuelve para los proyectos constantes del mundo interior, como se presentan en las formulaciones del analizando, constituyendo la realidad psíquica. Para ilustrar su exposición, analiza una experiencia personal como modelo. Destaca la importancia en Psicoanálisis de poder objetar esa realidad psíquica en la transferencia analítica, permitiendo las condiciones para los cambios en las estructuras de los prototipos psíquicos y para el crecimiento en la relación analítica tanto del analizando como del analista.

Beyond aggression in the neurosis theory

Abstract: The author limits the expression aggressiveness to the impetus of the instinct of death, aggression, or destruction, according to its purpose, as conceived by Freud in his reformulation of the instincts theory. The author also points out

that Freud, from then on, considered the instincts not as simple biological impulses, but as having the characteristics of mythical entities that express human life's purpose – the satisfaction of innate and acquired needs. He also stresses the fact that Freud's innovative contribution is not in the admission of a death instinct, but in the changed conception of psychic conflict, implicit in that formulation. The conflict is now the expression of the two forces in the id: the life and the death instincts, which are inherent to psychic nature and operative from the very beginning of life. This displacement of the basic conflict to the id removes its pathogenic character and stresses its dynamics as the foundation for the mind's functioning and the understanding of clinical events. The search for the symptoms meaning, for the interpretation of dreams, for the conflicting contents, such as the external world and its defense mechanisms, gives way to the investigation of the processes that outline the instinctive energies and create the magic-mythical world of object relations, as revealed and weighed in the analytical situation. These configurations also show the level of development of the ego's capacity for integration and synthesis. In this way, the analyst's interest focuses now on the inner world's constant projects, as they present themselves in the patient's words, creating the psychic reality. In order to render this paper objective, he analyzes a personal experience as an example. He stresses the importance, in psychoanalysis, of externalizing this psychic reality in the analytical transference, allowing the conditions for changes in the structures of the psychic prototypes, and for growth in the analytical relationship of the patient as well as the analyst.

Au-delà de l'agressivité dans la théorie des névroses

Résumé : L'auteur restreint le concept d'agressivité à la disposition à agir selon son but, des instincts de mort, d'agressivité ou de destruction, comme Freud a admis dans sa reformulation de la théorie des instincts. L'auteur souligne que, pour Freud, les instincts cessent d'être simplement des essors de nature biologique et ils assument les caractéristiques d'entités mythiques qui expriment le propos de la vie humaine – la satisfaction de besoins innés et acquis. Il souligne davantage le fait que la contribution innovatrice de Freud ne se trouve pas dans l'admission d'un instinct de mort, mais dans le changement du concept de conflit psychique, qui est implicite dans cette conception-là. Le conflit est devenu maintenant l'expression des deux forces contenues dans le Ça : les instincts de vie et de mort ; cela est donc inhérent à la nature psychique et le « en face », depuis le commencement de la vie. Ce déplacement du conflit de base vers le ça, enlève le caractère pathogénique du conflit et accentue sa dynamique en tant qu'un fondement pour le fonctionnement de l'esprit et la compréhension des phénomènes cliniques. La recherche du sens des symptômes, de l'interprétation des rêves, des contenus conflictuels tels que le monde extérieur et leurs mécanismes de défense cède sa place à la recherche des

procédures, laquelle configure les énergies instinctives et crée le monde magique et mystique des relations objectales, comme c'est révélé et contrasté dans la situation analytique. Pour sa part, ces configurations dénotent le niveau du développement de la capacité d'intégration et de synthèse de l'ego. Ainsi, l'intérêt de l'analyste se tourne maintenant vers les projets existant dans le monde intérieur, tel qu'ils se présentent dans les formulations de l'analysant, ce qui constitue la réalité psychique. Pour illustrer son exposition, il analyse une expérience personnelle en guise de modèle. Il fait encore ressortir l'importance, en psychanalyse, de pouvoir objecter cette réalité analytique dans le transfert analytique, ce qui crée les conditions pour le changement dans les structures des prototypes psychiques et pour l'agrandissement dans la relation analytique, soit de l'analysant soit de l'analyste.

Referências

- Bion, W. R. (1969). Notas sobre la memoria y el deseo. *Revista de Psicoanálisis*, 26, 679-690. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (1977). Elements of psychoanalysis. In W. R. Bion, *Seven servants*. Aronson. (Trabalho original publicado em 1963)
- Freud, S. (1957). A metapsychological supplement to the theory of dreams. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 14, pp. 216-235). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1961). Civilization and its discontents. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 21, pp. 57-145). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1964a). Analysis terminable and interminable. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 23, pp. 209-253). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1964b). New introductory lectures on psychoanalysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 22, pp. 1-182). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1964c). An outline of psychoanalysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 23, pp. 139-207). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (1964d). Sandor Ferenczi. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 22, pp. 225-229). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933)
- Klein, M. (1980). The origins of transference. In M. Klein, *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 48-56). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1952)
- Monod, J. (1971). *O acaso e a necessidade* (A. Sampaio, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1970)
- Rank, O. (1934). *O traumatismo do nascimento* (E. Davidovich, Trad.). Marisa. (Trabalho original publicado em 1924)